

Apontamento Sobre a Representação Negra no Cinema Brasileiro, a Partir dos Personagens Interpretados Por Lazaro Ramos nos Filmes Ó Pai Ó E Cidade Baixa¹.

Jônatas de Sousa Silva Pereira²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo: Este artigo busca trazer apontamentos sobre a representação negra no cinema brasileiro, a partir dos personagens interpretados por Lazaro Ramos nos filmes Ó Pai Ó e Cidade Baixa que possam vir à tona ao leitor como são realizadas as construções de personagens negros. Visto isso inicialmente apresentamos o conceito de racismo do qual consideramos a sua presença em todos os estágios da sociedade referente aos sujeitos de pele negras em relação as pessoas de pele branca inclusive na representação mídia (televisão e cinema). Dado esse aspecto é observado que na mídia especifica o racismo institucional é bastante presente visto a baixa presença do negro em filmes ou a presença do mesmo estigmatizada devido a estereótipos negativos. Portanto verificou-se na análise do resultado a presenças de dois tipos de estereótipos Malandro, e do Afro-Baiano. A escolha de Lazaro Ramos deve-se ao fato dele ser um artista conhecido e por ser uma espécie do Grande Otelo contemporâneo. Os filmes foram escolhidos por dois motivos: O primeiro por colocar como cenário principal a cidade de Salvador, a cidade mais negra fora da África e segundo por que os dois retrata a polarização do cinema contemporâneo brasileiro que são os filmes comerciais e obras cinematográficas críticas de baixo custo de produção.

Palavras-chave: cinema, negro, representação, estereótipos.

1. Introdução

A sétima arte abrange um mundo de sonhos, desejos, sensações, sentimentos, ideologias e observações que são impregnados num rolo de película, no projetor digital ou até mesmo numa tela de televisão, computador, ou smartphone, no qual se pretende, de forma encantadora e persuasiva, comunicar a mensagem contida na obra fílmica.

Ao se pensar o conceito mais difundido de cinema, percebe-se que é um meio de demonstração artística de alta visibilidade, formada por outras expressões artísticas, como o teatro, a fotografia, a música e a literatura. Porém o cinema como meio de comunicação sempre foi mais que um mero instrumento de entretenimento na cultura de massa, era e ainda é uma ferramenta de propagação ideológica.

¹ Trabalho apresentado na II 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Bacharelado Interdisciplinar Artes, e-mail: jonatas.pereira1993@gmail.com

Desta maneira o poder encantador do cinema era uma das formas aproveitadas na propaganda nazista. Eles enalteceram o filme como um aparelho de promoção de enorme poder. Como também os Estados Unidos, a partir do cinema hollywoodiano apropriando-se da linguagem cinematográfica e imprimiu sua ideologia *American way of life* em escala global e tal estilo de vida continua muito firme em seus filmes.

Em vista disso como afirma Nery à obra cinematográfica exibe-se como um item de interação socialmente partilhado; trata-se de um potente mecanismo de difusão de modelos homogeneizadores, capacitado há simbolizar, autenticar e naturalizar estereótipos firmados no imaginário social (NERY, 2012). Portanto o artigo buscar tecer apontamentos e impressões sobre a respeito da representação negra no cinema brasileiro a partir dos personagens interpretados por Lazaro Ramos nos filmes *Ó pai Ó* (2007), de Monique Gutemberg e *Cidade Baixa* (2005) de Sergio Machado. Ressalvando que o artigo não se pretende ser definitivo, mas trazer observações pessoais na recepção das obras analisadas no que tange a representação do negro no cinema brasileiro.

A escolha de Lazaro Ramos não se dá apenas pelos papeis protagonista que o ator encena nos filmes escolhidos também o recorte não só se baseou por ser um ator negro em destaque no cenário nacional, mas principalmente como afirma Nery ser uma espécie de “ator negro chave” do cinema contemporâneo brasileiro, posição antes ocupada por Grande Otelo, nos anos 1930, na época das Chanchadas. (NERY, 2012).

Lázaro Ramos ocupa a posição de “representante solitário do Brasil negro”, assim como aconteceu com Grande Otelo. Cabe destacar que no cinema diverso que o período da Retomada propõe, Ramos consegue se libertar da associação direta com a raça, dado a papéis extremamente variados que lhe são destinados, como por exemplo, *Madame Satã* (2002), de Karim Aïnouz, que interpreta uma personalidade homossexual do bairro carioca da Lapa, seu primeiro filme como protagonista. Em *O Homem que copiava* (2003), de Jorge Furtado, também faz o papel principal: um tímido desenhista e operador de fotocopiadora natural da zona norte da cidade de Porto Alegre. (NERY, 2012, p.95)

A opção pelos produtos cinematográficos *Ó Pai Ó* e *Cidade Baixa* na análise deste artigo se dar pelo cenário que se ambienta os filmes, não só por ser em Salvador, a

cidade mais negra fora da África, mas também por ser em locais na capital baiana de grande simbologia e participação negra como o Pelourinho e a Cidade Baixa. Outro aspecto é como estes filmes representam os negros, pois, os mesmos se encontram em que Orocchio (2012) denomina luta de classes do cinema brasileiro contemporâneo enquanto *Cidade Baixa* simboliza o cinema crítico, de baixo orçamento oriundo de leis incentivo à cultura e renúncia fiscal que atingirá uma parcela limitada do público. *Ó Pai Ó* retrata o cinema de mercado brasileiro tendo a Globo Filmes como a principal produtora destes filmes dos quais tem grandes orçamentos e que se pretendem atingir faixas muitos grandes do público que vai ao cinema.

2. Racismo e Mídia

2.1 Racismo

Antes de continuarmos o artigo precisamos discorrer sobre o racismo. Ele é uma ideologia que se alcança nas relações entre sujeitos e grupos sociais na forma e evolução das políticas públicas, nas composições de governo e nas constituições de aparelhamento dos Estados. Ou seja, refere-se há um acontecimento de alcance amplo e complexo que manifesta e se insere da cultura, da política e da ética. Para tanto requiere várias ferramentas apropriados para deslocar os processos favoráveis aos seus interesses e exigências de continuidade, nutrindo e eternizando privilégios e hegemonias.

Por sua extensa e heterogênea performance, o racismo é necessário ser identificado também como um sistema, por que se estabelece e se dilata por meio de estruturas, políticas, ações e normas aptos a definir oportunidades e valores para indivíduos e sociedades, a partir de sua aparência operando em diferentes níveis: pessoal, interpessoal e institucional.

No caso brasileiro em relação ao racismo entre pessoas de fenótipo branco e indivíduos de pele negra há uma diferencial substancial ocasionando uma dificuldade social em todas as esferas como, por exemplo, o genocídio da juventude negra, padrão de beleza eurocêntrico ou a baixa representação negra na mídia.

2.2 Representações Negras na mídia

A partir dos aspectos listados acima, a representação negra na mídia esteve calcada no racismo institucional do qual Werneck define como:

O racismo institucional, também denominado racismo sistêmico, como mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados - negr@s, indígenas, cigan@s, para citar a realidade latino-americana e brasileira da diáspora africana - atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeit@s nestes grupos. Trata-se da forma estratégica como o racismo garante a apropriação dos resultados positivos da produção de riquezas pelos segmentos raciais privilegiados na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda a manter a fragmentação da distribuição destes resultados no seu interior. O racismo institucional ou sistêmico opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial. (WENERK, p17),

A representação negra na mídia brasileira é considerada um racismo institucional pelo movimento negro ou pesquisadores do tema muito pelo número ínfimo de negras e negros na mesma ou de uma presença estigmatizada. Tal estigmatização é causada pelos estereótipos negativos reproduzidos pela ficção brasileira principalmente filmes e novelas. Para se ter outra perspectiva, outra imagem do negro e da negra, é necessário que se obtenha outros regimes de visibilidade e de representação.

Ainda discorrendo sobre estereótipos e representação convém trazer observações de Robert Stam sobre o tema.

Embora reconhecendo a importância das análises de estereótipos e distorções, os críticos levantaram questões metodológicas sobre as premissas subjacentes a essas abordagens. Ainda que as análises de distorções e estereótipos tenham colocado questões legítimas sobre plausibilidade social, precisão mimética, estereótipos negativos e imagens, são frequentemente baseados em uma fidelidade exclusiva a uma estética da verossimilhança. A obsessão pelo realismo tende a classificar a questão como sendo simplesmente sobre “erros” e “distorções”, como se a “verdade” de uma comunidade fosse não problemática, transparente e facilmente acessível, e como se as “mentiras” sobre ela pudessem ser facilmente desmascaradas (STAM 2003, p 302 e 303).

Os estereótipos negativos sobre a negritude deixam nítidas formas opressoras de discriminação que na superfície do debate, parecem ser um fato corriqueiro. Assim as representações negativas provocam problemas psicológicos e verdadeiramente não são um equívoco de entendimento; contrariamente, são normas de controle social.

Todavia não se pode refutar que ao os estereótipos estão baseados com algum um fundo de verdade.

a maneira mediante a qual o mundo é interpretado depende fundamentalmente da cultura, uma vez que esta é capaz de determinar, de forma estereotipada, o retrato interno que cada um carrega do mundo circundante; um ataque às crenças estereotipadas deveria ser interpretado como um assalto aos fundamentos do universo. (PEREIRA APUD NERY, 2012, p. 28).

Por isso uma pesquisa criteriosa deve ser feita por tais estereótipos e para não cair em uma análise superficial sobre o tema. Pois, muitos deles são provenientes da época da escravidão, outros em construção na nossa mente, mas nem todos são ruins. Rodrigues (2011) listou alguns estereótipos que normalmente são atribuídos a personagens negros entre eles se desatacam: **Preto Velho, Martir, Negro de Alma Branca, Nobre Selvagem, Negro Revoltado, Negão, Malandro, Favelado, Crioulo Doido e Afro-Baiano**. Dentre estes, falaremos do Malandro, e do Afro-Baiano.

3. Analise dos objetos

3.1 Deco

Cidade Baixa de Sergio Machado conta a Deco (Lázaro Ramos) e Naldinho (Wagner Moura) que repartem um barco de carga a vapor em Salvador e dá carona a sensual prostituta (Alice Braga), com quem ambos se relacionam. A atração física se transforma em violenta paixão, o que abala os alicerces da amizade.

A trama gira em características psicológicas dos personagens e sua trajetória narrativa. Com Deco os temas giram entre a criminalidade, tráfico de drogas e desemprego. O personagem interpretado por Lázaro Ramos foge do estereótipo do negro revoltado com a pobreza que se rende a marginalidade, tanto que Naldinho seu amigo branco que vive no mundo do crime. Deco também é capaz de errar quando ele entrega uma luta de boxe o que humaniza ainda mais o personagem, pois ele é capaz de ter erros e acertos tornando ele mais representativo. Outro ponto que circunda a trama a

amizade de Deco e Naldinho onde o filme não explora a amizade inter-racial e os possíveis conflitos dessa relação como também os possíveis percalços de Deco por ser negro e como característica comum entre os personagens negros e masculinos em filmes é a paixão por mulheres brancas em vez de mulheres negras consideradas pela vertente do movimento feminista composto por mulheres negras como homem *palmitreiro*.

3.2 Roque

Ó Pai Ó, conta a história dos moradores de um animado cortiço do centro histórico do Pelourinho, em Salvador. Tudo se passa no último dia do Carnaval, em meio a muita música, dança e alegria. Até que Dona Joana, uma evangélica, incomodada com a farra dos condôminos, decide acabar com a festa, fechando o registro de água do prédio. Segundo Nery, em Ó Pai Ó, as falas traduzem uma alegoria que vem de fora e que condiz com a estrutura e proposta do filme (2012, p. 105).

No produto cinematográfico Lazaro Ramos vive o personagem Roque que carrega o estereótipo do **malandro** do bem que segundo Rodrigues reúne características de quatro orixás do candomblé: a ambivalência e o abuso de Exu, a instabilidade e o erotismo de Xangô, a violência e a sinceridade de Ogum, a mutabilidade e a esperteza de Oxóssi e também é um tipo mais recente (2011, p. 35). Como também o **afro-baiano** um tipo mais recente de estereótipo. Trata-se de todo cidadão brasileiro de pele negra que procura acentuar seus traços culturais africanos nas roupas, nos penteados etc. (NERY, 2012, p. 30). Tais características que Roque apresenta como também os outros personagens negros do filme que traz uma imagem positiva, é uma visão superficial dos dilemas e conflitos do povo negro.

O privilégio às imagens positivas também elimina as diferenças patentes e a heteroglossia social e moral características de qualquer grupo social. Um cinema de imagens artificialmente positivas também traduz uma falta de confiança no grupo retratado, o qual geralmente não possui, ele mesmo, ilusões quanto à sua própria perfeição. Da mesma forma, não se pode pressupor uma conexão automática entre o controle sobre a representação e a produção de imagens positivas. (STAM 2003, p 302 e 303)

Isso é exemplificado na cena em que Dona Joana corta transmissão da água e o personagem Roque convence a dona do cortiço a ligar a transmissão, sendo que conflito é açucarado e a confusão entre os moradores do cortiço é amenizada como não se

houvesse conflitos eminentes inclusive com os evangélicos e os candomblecistas. O debate racial quase não se observa apenas na cena em que Roque faz um discurso antirracista pronto e forçado contra Boca (Wagner Moura) na cena em ele vai pegar os carrinhos nas mãos de Roque. E outro ponto é a relação entre Roque e Rosa (Emanuelle Araújo) que há um flerte em toda sequência e consumada no final do filme, tendo novamente mais um personagem negro tendo uma relação com uma mulher branca.

4. Conclusão

Partindo da premissa das conceituações propostas e da análise dos objetos e que o analista ver o que recorta ou que pode ver como os personagens Deco de *Cidade Baixa* (2005) e Roque de *Ó Pai Ó* (2007) foram retratados nos filmes. As obras cinematográficas espelham as realidades do ambiente no aspecto dos discursos fluxos, e o desafio é distinguir padrões constituídos no entendimento das características dos sujeitos negros oriundos dos personagens analisados.

Os filmes modulam, estilizam, caricaturam, alegorizam. Embora a teoria pós-estruturalista nos lembre de que vivemos dentro da língua da representação, de que não temos acesso direto ao “real”, mesmo assim a natureza construída e codificada do discurso artístico dificilmente exclui todas as referências a uma vida social comum. (STAM apud NERY, 2012, p.124).

Nesse sentido o personagem Roque como muitos outros filmes que representam o negro são abordados com exotismo e folclorização, portanto restringidos e imaculados às imagens pitorescas do candomblé e do carnaval desassociou o personagem negro dessas práticas e focou na vida diária de um indivíduo comum. Ainda assim é preciso interrogar se um ou modelo que se parece com um “real” de personagem negro pode ser tão nocivo quanto os personagens estereotipados. Nos personagens analisados todos se interessam por uma mulher branca. Termino o artigo com indagações de Nery sobre estereótipos e representação.

Deve-se questionar, antes de tudo, a exibição exagerada e, sobretudo, repetitiva de determinados modelos? Será que se livrar completamente de tipos sociais fixos também pode ser prejudicial? Os estereótipos, afinal, atribuem sentidos às pessoas e esses sentidos podem ser positivos e fazer com que os indivíduos se identifiquem com um modo de ser específico.

6. Referências

CIDADE BAIXA. Direção: Sérgio Machado. Intérpretes: Lázaro Ramos; Wagner Moura; Alice Braga. Salvador: Brasil Telecom, 2007. 1 Digital Versatile Disc (100min), DVD, color.

NERY, Luna. **O Negro Encena a Bahia.** 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 145 p. v. 1.

Ó Paí, Ó. Direção: Monique Gardenberg. Intérpretes: Bando de Teatro Olodum; Lázaro Ramos; Wagner Moura. Salvador: [s.n.], 2007. 1 Digital Versatile Disc (96 min), DVD, color.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema Brasileiro Contemporâneo (1990-2007).** In: BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando. **Cinema Mundial Contemporâneo.** Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 139-175.

STAM, Robert. STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** Tradução Fernando Mascarello. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

WERNECK, Jurema . **Racismo institucional:** Uma abordagem conceitual. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2013. 53 p. v. 1. Disponível em:
<<http://www.onumulheres.org.br/publicacoes/racismo-institucional-uma-abordagem-conceitual/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.